



Museu Mariano Procópio: identidade, lugar de memória e percepções da população de Juiz de Fora¹.

Luiz Antonio Belletti Rodrigues²

RESUMO

O Museu Mariano Procópio, localizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, é amplamente reconhecido pela comunidade local como o principal ponto turístico da cidade. Considerado um patrimônio cultural de grande relevância, o Museu, com seu vasto acervo, é protegido e preservado em todas as esferas de controle do patrimônio nacional. Apesar de ter permanecido fechado ao público por mais de quinze anos, o reconhecimento de sua importância afetiva pelos habitantes de Juiz de Fora foi evidente, como demonstrado nos esforços para reconhecê-lo como parte do patrimônio histórico e cultural da cidade. Este estudo investiga o papel do Museu na memória coletiva da cidade e sua relevância como destino turístico após sua reabertura. Utilizando uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa, foram aplicados questionários aos visitantes da instituição, aleatoriamente. Os resultados da pesquisa indicam que, apesar dos desafios na gestão e do longo período de inatividade, o Museu Mariano Procópio continua desempenhando um papel significativo na identidade afetiva da comunidade local e mantém sua importância como atração turística na região.

Palavras-chave: Museu. Turismo cultural. Memória.

ABSTRACT

The Mariano Procópio Museum, located in Juiz de Fora, Minas Gerais, is widely recognized by the local community as the city's main tourist attraction. Considered a cultural heritage of great relevance, the Museum, with its vast collection, is protected and preserved in all spheres of national heritage control. Despite having remained closed to the public for more than fifteen years, the recognition of its emotional importance by the inhabitants of Juiz de Fora was evident, as demonstrated in the efforts to recognize it as part of the city's historical and cultural heritage. This study investigates the role of the Museum in the city's collective memory and its relevance as a tourist destination after its reopening. Using a quantitative and qualitative methodological approach, questionnaires were administered to visitors to the institution, randomly. The research results indicate that, despite management challenges and a long period of inactivity, the Mariano Procópio Museum continues to play a significant role in the local

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional – CEAD/UFJF, orientado pela Prof^a. Anne Bastos Martins Rosa

² Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com especialização em Ensino de História e Geografia, Gestão de Museus e História da Arte. Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Aluno do curso de especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional – CEAD/UFJF. Supervisor de Projetos do Museu Mariano Procópio. E-mail: luizbelletti@hotmail.com



community's emotional identity and maintains its relevance as a tourist attraction in the region.

Keywords: Museum. Cultural tourism. Memory.

1 INTRODUÇÃO

O Museu Mariano Procópio, situado em Juiz de Fora, Minas Gerais, é reconhecido como um patrimônio cultural de extrema importância. Com sua vasta coleção, é cuidadosamente protegido e preservado em todas as instâncias de gestão do patrimônio nacional, tanto o acervo quanto as construções históricas. Quando o Plano Municipal de Turismo de Juiz de Fora (PJF, 2020) foi elaborado, uma pesquisa apontou o local como a maior referência turística da população juizforana. No entanto, em nenhuma parte do Plano há meta de intervenção ou sinalização sobre a necessidade de reabrir, apenas é mencionado que parte está fechada e em obras, o que não era correto quando o plano foi elaborado³. Apesar da importância do Museu, não há referência no Portal do Turismo da cidade (PJF, 2023) sobre o Museu, apenas do parque que o cerca, mesmo já tendo parte aberta há quase um ano. Fechado durante quinze anos, nenhuma intervenção ou ação foi feita pelo poder municipal para que fosse reaberto. Somente a atual gestão municipal (2021-2024) teve como meta reabrir totalmente o Museu.

Em setembro de 2022, a galeria Maria Amália do prédio Mariano Procópio foi reaberta, apresentando uma exposição comemorativa do bicentenário da Independência do Brasil. Em março de 2023, o prédio foi totalmente aberto, recebendo no segundo pavimento uma exposição com as coleções de Alfredo Ferreira Lage. A Villa Ferreira Lage foi reaberta em maio de 2023, exibindo grande parte do mobiliário original da casa. Com isso, foi concluída a reabertura de todas as áreas expositivas do Museu e do Parque. Além da importância histórica e artística, com seu rico acervo, o Parque e o Museu Mariano Procópio recebem mais de dez mil pessoas por semana, e são referência turística da cidade.

Neste sentido, o presente projeto se justifica, sobre dois aspectos. O primeiro ponto diz respeito a identidade do Museu junto a população local. É recorrente a todos que entram no Museu dizer que se lembram da infância, quando visitavam o local. É importante o resgate deste

³ Enquanto responsável pelas obras, tenho acesso ao que ocorreu nas últimas gestões da instituição, e nenhuma obra estava sendo realizada naquele momento, nem havia previsão para serem feitas (nota do autor).



“lugar” no imaginário da cidade, para que a instituição recupere sua identidade e possa ocupar um lugar de destaque no cenário nacional, tanto do ponto de vista turístico quanto cultural. Além disso, outro aspecto é a preservação deste importante patrimônio histórico, tombado em todas as instâncias de controle patrimonial do Brasil.

Este estudo, portanto, analisa e resgata a percepção da memória afetiva da população de Juiz de Fora sobre o Museu Mariano Procópio enquanto “lugar de memória” e sua importância enquanto atração turística da cidade, justamente após sua reabertura, depois de tantos anos fechado. Além disso, procura mapear o perfil dos visitantes do Museu Mariano Procópio e sua relação afetiva com o espaço. A partir de um questionário não identificado, respondido por visitantes escolhidos aleatoriamente, a pesquisa de campo procurou identificar estas questões, tanto do ponto de vista qualitativo quanto quantitativo. Os dados deste questionário foram comparados com uma pesquisa mais ampla, sobre o perfil dos visitantes, feita pra administração do Museu.

Este trabalho está dividido em três partes principais. Primeiro é feita uma análise do referencial teórico, onde os principais conceitos e categorias utilizadas na pesquisa são discutidas. Na segunda parte é apresentada a metodologia utilizada. Em seguida é feita uma análise detalhada dos dados colhidos com o questionário aplicado, apresentados de forma comparativa. Os dados são analisados a partir dos referenciais teóricos propostos. E por fim, são apresentadas as conclusões finais desta pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico utilizado neste trabalho perpassa a discussão sobre o turismo cultural, o patrimônio histórico, a memória e os lugares de memória. Sobre o significado dos equipamentos urbanos destinados ao lazer e as atividades socioculturais que permeiam a cidade em termos de facilitar os desejos de fruição e práticas das pessoas, Ulhôa e Dias (2011) discutem que é fundamental reconhecer que a atividade turística vai além da dimensão material do espaço. Na era moderna, marcada pela alegada “falta de tempo”, é evidente que o consumo turístico, muitas vezes desvinculado e alienante, não consegue apreender a beleza intrínseca dos



locais públicos ou mesmo a riqueza da cultura local, que constitui a história do lugar. Diante dessa percepção, é imperativo transcender efetivamente essa materialidade, inseparável de uma imaterialidade enriquecedora, para vivenciar a verdadeira experiência de viagem – ou seja, apreciar os espaços e seus elementos com base nos significados que lhes atribuímos, por meio da nossa subjetividade, e no caso do Museu, esta compreensão passa, antes de tudo, pelo resgate dos significados da população local (Ulhôa e Dias, 2011, p.153).

Para Suzana Gastal (2002), a atividade turística impõe sua força econômica e social, a cultura deve ser considerada nas questões de identidade e memória, e por isso é preciso entender o turismo cultural não como apenas um diferencial mercadológico, mas para além dele, e o patrimônio histórico, onde estão os bens culturais, é o item mais relevante neste contexto (Gastal, 2002, p. 70). Neste estudo, o museu, enquanto lugar de memória e ao mesmo tempo principal atração turística da cidade, precisa ser compreendido, tanto do ponto de vista do turismo cultural quanto da perspectiva dos moradores que o elegeram enquanto patrimônio histórico, um bem cultural que reside na memória afetiva da população.

Como destaca Carvalho (2010), o patrimônio cultural tem relação com a construção física e com a dimensão simbólica, as diversas formas de agir, sentir e viver dos grupos sociais, por isso se liga à memória e a identidade dos grupos sociais, além de “mecanismos de “afirmação e reposição identitárias”. Para esta autora:

A apropriação e a coletivização do patrimônio cultural produzem ainda nos espaços urbanos lugares significantes, com os quais a comunidade local se afeiçoa e se identifica, pois cristalizam fatos ou acontecimento pessoais, podendo vincular-se à infância, às atividades corriqueiras, aos encontros sociais e familiares, e conseqüentemente, fazem-se presentes na memória de indivíduos e grupos sociais específicos (Carvalho, 2010, p.17).

Para Carvalho (2011), na contemporaneidade, o conceito de patrimônio assume uma multiplicidade de significados, variando de acordo com o contexto histórico e social em que os sujeitos estão inseridos. Enquanto nas práticas iniciais de preservação dos bens culturais os valores de excepcionalidade e monumentalidade eram predominantes, surgem agora novos critérios que levam em consideração as relações sociais, o contexto e a representatividade que o patrimônio assume para os membros de uma sociedade. Ele passa a ser reconhecido como um portador de memórias individuais e coletivas e como um catalisador do sentimento de pertencimento. Nessa reavaliação, o conceito de patrimônio cultural se expande para abarcar



não apenas bens materiais, mas também espaços e práticas socioculturais que possuem significado emocional para as comunidades (Carvalho, 2011, p.151).

Pierre Nora (1993) afirma que se vive uma aceleração da história, do tempo, dos processos sociais, uma “oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto”, e fala-se da memória porque ela não existe mais. O que existe é uma curiosidade pelos lugares onde esta memória se cristalizou, existem então locais de memória, e não mais meios de memória (Nora, 1993, p.7). Além deste lugar de memória, onde a população escolheu enquanto espaço afetivo, há a curiosidade, o que torna o museu atrativo enquanto espaço turístico.

A era da modernidade, em que o futuro era a principal preocupação, passou por transformações significativas. Hoje, o presente expandiu-se, levantando novos questionamentos nesse novo contexto histórico. Será que resultou em mais tempo livre? Um presente mais abundante? As categorias de experiência e expectativa, conforme abordadas por Koselleck (2006, p. 306-309), desempenham um papel crucial na compreensão do tempo histórico. Ele as considera tão fundamentais quanto espaço e tempo, pois estão intrinsecamente ligadas ao passado e ao futuro: “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem”. Essas categorias oferecem uma visão da temporalidade humana e histórica.

Ao aplicar as categorias de experiência e expectativa à história, Koselleck destaca que a modernidade se destaca pela crescente separação entre as experiências passadas e as expectativas futuras. Os limites entre ambos se distanciam, e ele afirma que “só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então” (Koselleck, 2006, p. 314). A história e o futuro tornam-se entidades distintas, não definidas estritamente pelo passado. Surge então o conceito histórico de “progresso”, que integra a diferença temporal entre experiência e expectativa em um único conceito.

Uma abordagem distinta da temporalidade surge com Hans Ulrich Gumbrecht, teórico literário, e François Hartog, historiador francês. Eles propõem uma perspectiva inovadora, focada no presente, em contraste com a modernidade, que direcionava suas atenções para o futuro. Gumbrecht (2009) argumenta que, após os eventos catastróficos do século XX, uma nova configuração temporal emergiu, caracterizada por um presente expandido e um futuro fechado e ameaçador, denominado "presentismo" (Gumbrecht, 2009, p.26,31). A partir destas



premissas, Nora constrói sua argumentação sobre os lugares de memória.

A partir dessa categoria de Nora, Gastal (2002, p. 71) afirma que um bem cultural é parte significativa da memória local, pois remete diretamente à afetividade, integridade e identidade locais”. A discussão sobre memória e história é importante nesta questão. Para Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado (Nora, 1993, p.9).

Para Gastal (2002), é a memória do lugar que ficou registrada na literatura, está presente no tecido urbano, que os torna lugares únicos, com grande apelo afetivo para seus habitantes, e também para os visitantes que os frequentam, lugares que se tornam importantes para o turismo. Esses lugares de memória não têm apenas memória, são um importante espaço para um grupo significativo da sociedade (Gastal, 2002, p.72). Os locais de memória são criados a partir da vivência, dos vestígios deixados por aqueles que habitam o lugar e da preocupação em preservar essa memória, mesmo quando se presume que ela esteja fadada a desaparecer. Essa crença na perda potencial da memória impulsiona a criação de espaços dedicados a revitalizá-la.

Conforme Nora (1993, p. 13) destaca, a existência desses lugares é justificada pela suposição de que, se a memória estivesse constantemente em um processo de rememoração, a necessidade de tais locais seria obsoleta. Os museus, entendidos como lugares de memória, transcendem a mera função de serem espaços para recordações e narrativas. Eles se apresentam, de acordo com Pinto (2013, p. 9), como ambientes nos quais as memórias são ativamente construídas. Dessa forma, não são apenas receptáculos passivos de lembranças, mas sim locais dinâmicos nos quais a interação com o passado é moldada e enriquecida, proporcionando uma experiência viva e em constante evolução.

Os lugares de memória personificam essa noção de patrimônio como um produto e reflexo da sociedade, revelando também a dinâmica das interações sociais, os valores e os significados que permeiam o cotidiano de uma determinada localidade. Os testemunhos da memória e da identidade emergem como importantes atrativos turísticos, atraindo visitantes interessados no turismo cultural. Esse segmento de consumidores busca não apenas



entretenimento, mas também experiências de aprendizado e educação por meio do envolvimento em atividades vivenciais e de lazer (Carvalho, 2011, p.151).

O turismo cultural pode ser definido como uma vertente da atividade turística que oferece aos visitantes a oportunidade de apreciar, vivenciar e experimentar diretamente os bens culturais, tanto materiais quanto imateriais, por meio da mediação interpretativa. Esse processo permite aos visitantes participar ativamente da construção de conhecimento sobre o patrimônio cultural e seu contexto sócio-histórico. Em última análise, essa abordagem contribui para a produção de novos conhecimentos e para a conservação dos bens culturais visitados. (Costa, 2009, p. 190,).

O aumento das demandas pela preservação da memória, com os debates sobre seu uso e abuso, tem levado à emergência de novos significados atribuídos ao "passado", concebido como um tempo que está constantemente aberto a interpretações futuras, moldadas pelas perspectivas do presente. Em meio a essas transformações, o campo do patrimônio cultural, responsável por produzir, reinterpretar, disseminar e fortalecer as narrativas do passado e das identidades, tem sido expandido e valorizado. A construção de narrativas do passado, consideradas como patrimônio de diferentes grupos, incluindo o nível nacional, tem se tornado objeto de disputa, especialmente nos museus históricos. Essas instituições desempenham um papel central na produção de discursos e na elaboração de explicações sobre as interconexões entre identidade, memória e direitos (Costa, 2007, p. 26).

No cenário museológico brasileiro, os museus evoluíram para além de meros depositários de narrativas sobre a história nacional. Posteriormente, passaram a exibir também coleções de arte, inicialmente de cunho moderno, provenientes de mecenas. Um ponto de convergência ao longo do tempo é observado nas práticas de colecionismo e suas particularidades, influenciadas por teóricos e instituições museológicas alinhadas com tendências internacionais, que começaram a moldar as abordagens nos museus. Nesse contexto, o conceito de "museu" reflete as expectativas contemporâneas em relação a esses espaços, os quais são entendidos como locais onde se espera que suas coleções proporcionem apreciação estética e intercâmbio de conhecimentos por meio de exposições. A função dos museus, sob essa perspectiva, reflete as discussões que surgiram na década de 1970 com o advento da Nova



Museologia (Vieira, 2017, p.158).

2.2 MUSEU MARIANO PROCÓPIO: OBJETO DE PESQUISA

Mariano Procópio Ferreira Lage recebeu a autorização do Imperador Dom Pedro II para a construção da rodovia União e Indústria, possibilitando a circulação ao longo do ano entre Juiz de Fora e a cidade do Rio de Janeiro. Em 1861, ano da inauguração da estrada, Mariano Procópio ergueu a Villa Ferreira Lage em suas terras, na localidade de Rio Novo, atualmente conhecida como bairro Mariano Procópio, destinando-a à residência de sua família. O local escolhido para a construção da chácara familiar era cercado por um parque e jardins, possivelmente planejados pelo renomado Auguste Marie Francisque Glaziou, de acordo com alguns historiadores. Em 1915, o herdeiro de Mariano Procópio, Alfredo Ferreira Lage, converteu a Villa em um museu particular. Ao longo de sua vida, Alfredo dedicou-se à coleção de objetos de arte, mobiliário, objetos da monarquia brasileira e pinturas, adquiridos tanto no Brasil quanto na Europa, em homenagem a seu pai (Stephan, 2015, p.1).

Em 23 de junho de 1921, em celebração ao centenário do nascimento de Mariano Procópio, Alfredo inaugurou o museu ao público. A concepção e realização do museu, com estilo renascentista, foram confiadas ao arquiteto alemão Carlos Augusto Gambs. Ao redor, estende-se um parque com aproximadamente 78.000 m², abrigando diversas espécies da flora e fauna nativas, como jabuticabais, palmeiras, entre outras. O naturalista suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz, colaborador do museu e especialista em geologia e paleontologia, descreveu-o como o "Paraíso dos Trópicos" (Silva, 2009, p.36).

Em 1936, Alfredo Ferreira Lage efetuou a doação integral do conjunto, incluindo o Museu, ao município de Juiz de Fora. Em virtude da importância histórica e cultural desse patrimônio, o Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e o Acervo do Museu Mariano Procópio foram oficialmente tombados pelo estado em 2005. Esse tombamento foi registrado em diferentes Livros do Tombo, cada um correspondente a uma área específica de relevância. Assim, o conjunto foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, no Livro do Tombo de Belas Artes, no Livro do Tombo Histórico, das obras de Artes Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos, e também no Livro do Tombo das Artes Aplicadas. Este ato de proteção e reconhecimento visa preservar a riqueza cultural e histórica



do local para as gerações futuras (Iepha, 2023).

Atualmente, o Museu Mariano Procópio abriga um acervo de aproximadamente 50 mil objetos de valor histórico, artístico e científico, protegido pelo Governo Federal desde 1939. Estão devidamente inscritas no Livro do Tombo de Belas Artes (Nº inscr.: 236; Vol. 1; F. 041; Data: 16/02/1939) e no Livro do Tombo Histórico (Nº inscr.: 118; Vol. 1; F. 021; Data: 16/02/1939). Em 1983, o conjunto que engloba o Parque e o Museu Mariano Procópio foi incorporado aos bens tombados de Juiz de Fora, por meio do Decreto No. 2861, datado de 19 de janeiro de 1983. Este decreto estabelece e assegura o tombamento, garantindo assim a proteção e preservação desse valioso patrimônio histórico e cultural para as gerações futuras (Stephan, 2015, p.2).

Com a doação do Museu ao município, Alfredo estipulou uma série de condições para assegurar a preservação e continuidade de seu projeto de memória. Isso incluiu a inalienabilidade dos bens doados, tanto móveis quanto imóveis; a perpetuação do nome “Mariano Procópio” para o complexo museu e parque, bem como de sua finalidade cultural; a manutenção dos nomes das salas, como “D. Pedro II”, “Maria Amália”, “Viscondessa de Cavalcanti”, “Maria Pardos”, “Agassiz” e “Tiradentes”, em perpetuidade; a proibição de remover quaisquer objetos artísticos, históricos e científicos incorporados ao museu e a preservação da disposição das obras na “Galeria Maria Amália”, de acordo com critérios artísticos estabelecidos. Adicionalmente, a administração do Museu seria supervisionada pela Prefeitura Municipal e exercida pelo diretor e funcionários nomeados pelo Prefeito (Stephan, 2015, p. 20).

Outra condição foi que a indicação de nomes, a partir de uma lista tríplice, para o cargo de direção do Museu deveria ser realizada pelo “Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio”, instituído com a finalidade de zelar pelo cumprimento da escritura de doação e contribuir no engrandecimento da instituição:

Ao Conselho dos amigos do Museu compete:

...zelar pelo cumprimento dos termos da escritura de doação: cumprir os encargos dispostos na escritura de doação do Museu Mariano Procópio ao Município de Juiz de Fora; preservar, pesquisar, expor e divulgar o patrimônio legado pelo colecionador e doador da instituição; garantir a integridade, a expansão e a valorização do seu patrimônio; manter a acessibilidade do seu acervo ao público; promover a difusão cultural e as atividades de pesquisa, em especial as relativas à família Ferreira Lage; desenvolver trabalhos de preservação, conservação e restauração do acervo; promover a ampliação,



melhorias e conservação de suas instalações; promover exposições permanentes, temporárias e itinerantes; promover a educação patrimonial e ambiental; promover o lazer e a melhoria da qualidade de vida; participar de projetos e manter intercâmbio técnico, científico e cultural com instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais; elaborar e executar planos e projetos visando à captação de recursos para melhorias, modernização e crescimento da instituição; e participar de políticas de incentivo aos museus e à museologia, especialmente em Juiz de Fora e região (PJF, 2014).

A investigação sobre o papel desempenhado pelo Conselho de Amigos e sua relação com as administrações do Museu e do Município é de extrema importância para a compreensão da história institucional. Contudo, suas atividades estão envoltas em segredo, e uma pesquisadora apresentou uma proposta de realizar uma pesquisa, os membros reagiram vigorosamente contra ela. As atas das reuniões não estão disponíveis para o público em geral, e parte da documentação doada ao Museu permanece inacessível (Costa, 2007, p.64). Isto causa uma dicotomia a ser estudada, uma instituição pública que está sujeita a um grupo de “Amigos”.

Como destaca Costa (2007), o Museu Mariano Procópio foi erguido com a intenção de representar um panorama do passado nacional e imperial, em sintonia com outros museus contemporâneos, ao longo do século XX, adotando diversas estratégias para manter sua relevância, impactando a identidade que cultivou ao longo de décadas. Embora fosse frequentado como espaço de lazer e recreação, especialmente devido ao seu extenso parque, seu acervo permanece pouco conhecido pelo público mineiro e brasileiro, possivelmente restrito aos moradores locais. Mesmo suas obras mais famosas, como o quadro "Tiradentes Esquartejado" (de Pedro Américo, 1893) e os fardões da maioria de Pedro II, amplamente divulgados pela mídia, nem sempre são associados ao Museu, o que não contribui para a consolidação de sua imagem e identidade, que foram se desvanecendo ao longo do tempo (Costa, 2007, p.31).

2.3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi, portanto, realizada no Museu Mariano Procópio, e a metodologia utilizada partiu de três enfoques. Primeiro uma pesquisa documental, utilizando um levantamento já existente, realizado pela Fundação Museu Mariano Procópio, em 2023, disponível no Anexo A, aplicado aos visitantes do Museu. Estes dados servem de auxílio à



pesquisa de campo ora empreendida, no que tange ao perfil do visitante.

Outro recurso foi a pesquisa de campo, realizada através de um questionário (apêndice A) não identificado, aplicado a visitantes do Museu selecionados de forma aleatória e que aceitaram participar. A escolha aqui foi por uma pesquisa quanti-qualitativa, semiestruturada, com perguntas fechadas e abertas. A escolha deste método foi por dois motivos. Primeiro para atingir um número maior de pessoas no estudo quantitativo. Para Graglia (2024) uma amostra quantitativa deve ter pelo menos cem questionários respondidos, para um erro amostral de 10%, na população considerada, que são os visitantes do Museu. Este número foi atingido, apesar do número de respostas ao questionário não ter sido muito grande, pois o período de aplicação foi pequeno, duas semanas, devido às restrições impostas para a execução deste trabalho de conclusão de curso. O segundo motivo foi deixar perguntas em aberto para uma análise mais qualitativa das respostas.

No formulário da pesquisa, as quatro primeiras questões são filtros, e ajudam a identificar os respondentes. A partir da quinta questão procurou-se guiar o visitante a responder sobre sua memória afetiva em relação ao Museu. A aplicação ocorreu aleatoriamente, com pessoas que aceitaram participar e que visitavam o local. O total de respostas coletadas foi 105 questionários, mas a pesquisa será continuada no futuro. Nenhum questionário foi dispensado, e a análise dos dados ocorreu a partir da tabulação em um formulário eletrônico, o Google Forms. Uma questão incluída no formulário, sobre a importância turística da instituição para a cidade, visava corroborar a pesquisa anteriormente feita pela Setur/JF e incluída no Plano Municipal de Turismo de Juiz de Fora.

Para a análise das respostas, as perguntas foram separadas em cinco categorias. Na primeira, *experiência da visita*, que procurou entender qual a impressão do visitante na visita. Na segunda categoria, *lembranças*, o visitante era estimulado a responder se a visita foi motivada por lembranças antigas e qual a principal recordação deste passado. A terceira categoria, *papel do Museu no turismo local*; pergunta sobre a importância do Museu enquanto ponto turístico da cidade. A quarta categoria, *passado*, questiona sobre as faltas, ausências de referências antigas que o visitante tem em relação a visitas anteriores. E por fim, a quinta categoria, **percepção afetiva**, procurou identificar se a visita trouxe mudanças na afetividade dos visitantes em relação ao Museu.

E por último, a pesquisa bibliográfica, que serviu de base para as discussões teóricas,



para a apresentação do objeto de pesquisa e para as análises dos resultados. Para o referencial teórico, os principais autores consultados foram Pierre Nora (1992), Hans Ulrich Gumbrecht (2009) e Reinhardt Koselleck (2006) sobre os conceitos ligados à memória e temporalidade, e os autores Suzana Gastal (2002), Inês Ulhôa & Carina Dias (2011), Guilherme Lopes Vieira (2017), Suely Lima de Assis Pinto (2013) e Karoliny Diniz Carvalho, (2010, 2011) nas questões relacionadas aos museus, patrimônio histórico e turismo cultural. Na apresentação do Museu, sua história e problemas, os trabalhos da historiadora Carina Martins Costa (2011) e da arquiteta Lina Malta Stephan (2015) foram usados, além dos sites institucionais do Museu e da Prefeitura de Juiz de Fora.

2.4 DISCUSSÃO DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

2.4.1 Pesquisa documental: perfil do visitante

O resultado de um questionário aplicado pela administração do Museu junto a seus visitantes é aqui apresentado, pois os dados são relevantes para a proposta de análise empreendida, o que permite comparar, o perfil identificado em um número mais amplo dos visitantes, com a amostra menor desta atual pesquisa, validando a amostragem agora feita.

A coleta de dados empreendida pelo Museu teve início em junho de 2023, com término no final de julho do mesmo ano, sendo conduzida pela equipe de segurança. O trabalho envolveu visitantes da instituição e a coleta de dados ocorreu em diferentes horários e dias da semana, através de questionário disponibilizado na versão on-line e físico. A pesquisa contou com a participação de 1.147 pessoas, tendo como objetivo realizar o levantamento socioeconômico dos frequentadores.

Os resultados que interessam para este estudo é o perfil dos visitantes. A idade destes está distribuída majoritariamente nas duas faixas centrais, de 18 a 35 anos (34,7%) e de 36 a 59 anos (44,8%). A maioria das pessoas não está estudando (68,7%), e a escolarização deste grupo é majoritariamente de pessoas graduadas (60,6%), muitas com especialização (11,6%) e mestrado e doutorado (9,9%). Quanto ao gênero, a maioria dos visitantes declarou ser mulher (61%) e a renda se concentrou em duas faixas, de 2 a 4 salários (49,3%) e de 5 a 10 salários (29,2%). Um dado importante é o local de residência dos visitantes, sendo 72,4% moradores de



Juiz de Fora. Os demais dados deste levantamento não têm relação com o questionário proposto nesta pesquisa. A tabela abaixo mostra os dados destacados:

Tabela 1 - Resultados da pesquisa documental

Item	Resultado preponderante em 2023
Idade	18 a 35 anos: 34,7%, 36 a 59 anos: 44,8%
Escolaridade	Graduados: 60,6%
Gênero	Mulheres: 61%
Renda	2 a 4 salários: 49,3%, 5 a 10 salários: 29,2%
Residência	Juiz de Fora: 72%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

2.4.2 Pesquisa de campo

Quando aproximamos este resultado com os obtidos na atual pesquisa, com amostra de 105 respondentes, vê-se que: que a variação de idade dos que responderam o atual questionário está distribuída no mesmo intervalo apontado no levantamento anterior, isto é, concentrado nas duas faixas entre 18 e 59 anos, sendo 90% o total neste intervalo. Importante destacar que pessoas com idade de menos de vinte anos seriam irrelevantes para esta pesquisa de campo, pois não poderiam ter visitado ou não se lembrariam do Museu antes do fechamento. Não houve nenhum caso entre os respondentes.

A formação acadêmica destes respondentes também é compatível com os dados do levantamento anterior, sendo aqui maior a quantidade de graduados e com cursos de pós-graduação (86%). Outro dado importante coletado é o local de moradia destas pessoas, sendo 88,3% residentes em Juiz de Fora, o que é importante para o objetivo da análise proposta. A tabela a seguir ilustra a comparação destes três filtros iniciais com os resultados mostrados pela pesquisa documental:

Tabela 2 - Comparativo da pesquisa documental



Item	Resultado preponderante em 2023	Resultado preponderante em 2024
Idade	18 a 35 anos: 34,7% 36 a 59 anos: 44,8%	18 a 59 anos: 90%
Escolaridade	Graduados: 60,6%	Graduados: 86%
Residência	Juiz de Fora: 72%	Juiz de Fora: 88,3%

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Passando para os dados mais qualitativos, foram abordadas as categorias anteriormente descritas: 1 - experiência da visita; 2 - lembranças; 3 - papel do Museu no turismo local; 4 - passado; 5- percepção afetiva. Na primeira categoria, todos os visitantes responderam que a experiência no museu foi ótima (85,7%) ou boa (14,3%). A justificativa apresentada mais recorrente entre os que responderam como uma experiência ótima foi quanto às lembranças de infância. Destaco aqui algumas falas, que também foram recorrentes nesta questão⁴: “Revisitar o Museu depois de tantos anos me fez reviver a infância, me trouxe memórias muito especiais que se confundem com este espaço” (visitante 3), “O museu me traz boas lembranças não só da minha infância com os pais, como da infância minha filha tbm!” (visitante 53) e “Reviver uma fase da minha infância” (visitante 92). Fica evidente nas respostas apresentadas que o Museu está diretamente ligado a lembranças de infâncias dos visitantes.

Nesta mesma questão, os que responderam como “boa” a experiência de visita, a justificativa para não ser “ótima” está diretamente ligada a aspectos da infraestrutura do Museu, e não das coleções e acervos. Entre estas respostas, temos: “A falta de acesso à água potável, ausência de corrimãos e outras estruturas de acessibilidade em alguns pontos tornou o passeio um pouco desagradável, já que estávamos com idosos e num dia quente” (visitante 27), “Falta de sinalização dentro e fora do prédio” (visitante 45), “O lugar tem uma experiência incrível, falta algumas placas informativas de percurso, porém, muito bom” (visitante 68).

Na segunda categoria, as questões seguintes procuraram trazer as referências antigas dos visitantes, suas lembranças. A grande maioria (82,9%) já havia visitado o Museu antes do fechamento da instituição, mas somente 57,6% creditaram a visita a lembranças do passado. Quando perguntados qual a principal lembrança que tinham antes do período em que

⁴ As respostas em destaque não foram identificadas, tampouco os formulários numerados. As referências numéricas são aleatórias, na sequência em que foram computadas.



permaneceu fechado, as respostas são variadas, muitos dizem ser a Villa Ferreira Lage, outros o parque, as peças do acervo de História Natural e também o quadro de Pedro Américo, o Tiradentes Supliciado. Destaco aqui a fala de um visitante:

Vivi minha infância no MMP, pois nasci, fui criada e vivi até 40 anos no bairro do MMP. Me lembro de tudo, incluindo-se as reformas, as exposições do anexo que desabou. O parque e as mudanças nos jardins. De tudo, lembro muito da Vila, seus porões e cômodos, das exposições de objetos e quadros no pavilhão de exposições e, principalmente, do quadro "Outono" de Horácio da Hora. Este quadro tem, para mim, cheiro de verbena e tem também sons de pássaros, vento e folhagens. Lembro dele e das sensações ao vê-lo tão grande e tão vivo. Ao contrário, nunca gostei de ver o quadro do Alferes Tiradentes. Cheguei a ver o quadro Outono exposto na Pinacoteca em SP. Fiquei deslumbrada ao vê-lo lá, mas preocupada procurei saber o motivo. Estava cedido. Com alegria reví o quadro preferido na reabertura da Vila, em 2023 (visitante 5).

A fala deste visitante reforça o que destaca Da Silva (2021, p.1), que é de suma importância que os indivíduos se percebam como integrantes ativos da sociedade, estabelecendo vínculos duradouros com a cidade onde residem ao longo do tempo. É fundamental que a população se sinta reconhecida e profundamente conectada à memória coletiva da cidade, de modo que os residentes locais reconheçam a importância de conhecer sua própria história e, assim, se sintam verdadeiramente pertencentes e engajados na ocupação dos espaços de sua região. O turismo pode desempenhar um papel significativo no fortalecimento da identidade comunitária, oferecendo à comunidade a oportunidade de compartilhar suas histórias, conhecimentos e culturas locais.

Na terceira categoria, sobre o papel do Museu no turismo local, a pergunta remete à pesquisa feita pelo Plano Municipal de Turismo (PJF, 2020), que questionou à população em geral qual seria o principal ponto turístico da cidade, e o Museu foi apontado como sendo o mais importante. É a mesma opinião da maioria dos visitantes que responderam ao questionário, 91,4%. Os que não o consideram, não apontaram outro, só desconsideraram existir hierarquia entre os diversos locais da cidade. Todos que responderam ao questionário pretendem voltar ao Museu em outra oportunidade.

Na quarta categoria, nomeada de passado, a pergunta foi se sentiram falta de alguma coisa ou referência do passado. Muitos citaram itens específicos que não estão em exposição no momento, como os ossos da baleia, os fardões imperiais, uma liteira, outros fósseis, e até mesmo, itens que não fazem parte do acervo, como uma múmia. É importante lembrar que toda



exposição museológica tem um sentido e uma narrativa, e as escolhas do que é mostrado estão de acordo com esta lógica. Os itens que não estão em exposição no momento provavelmente estarão em exposições futuras e muitos dos que hoje estão sendo mostrados irão para as reservas técnicas. O acervo possui mais de 50.000 itens guardados. Como destaca Abreu (2022, p.61), a memória individual está intrinsecamente ligada à memória social. É esta última que confere coesão ao todo, oferecendo às pessoas as referências necessárias para interagir e estabelecer laços sociais, reconhecendo-se como parte do grupo. Nesse sentido, o patrimônio desempenha o papel de guardião da memória das sociedades contemporâneas, fornecendo tanto o suporte material quanto as imagens fundamentais para essa memória.

Oliveira e Pinheiro (2023, p.16) abordam a relevância das memórias, que são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, seja por meio da aquisição ou evocação, durante e após experiências vividas. Eles ressaltam que as memórias têm o poder de expressar as temporalidades tanto da vida individual quanto coletiva, conferindo novos significados e valores aos locais de memória. Além disso, as memórias podem atribuir novos significados e valores aos lugares de memória, ressignificar experiências autobiográficas baseadas em afeto e senso de pertencimento, criar ambientes restauradores do bem-estar, recuperar identidades, despertar ou intensificar emoções e sentimentos, e também contribuir para a preservação do patrimônio cultural.

E por fim, na última categoria, a questão sobre a percepção da memória afetiva trouxe respostas mais diversificadas. Questionou-se se a percepção afetiva em relação ao Museu mudou após a visita, 68,6% disseram que sim, mas não de forma negativa, e sim reforçando uma afetividade que já existia há muito tempo. Algumas respostas foram bem diretas nesta questão: “O Museu já ocupava um lugar de muita afetividade na minha história, a visita após todos estes anos só me fez lembrar o quanto nós juizforanos amamos este lugar e o quanto ele fez falta durante esse período de fechamento.” (visitante 15), “Sinto um imenso carinho pelo museu” (visitante 34), “Percebi que o museu é bem mais rico e eclético que eu imaginava.” (visitante 74), “Aumentou, pois ativou memórias e sentimentos que estavam guardados, trazendo hoje mais significado.”, “Me fez recordar boas lembranças’ (visitante 82),” Gosto cada vez mais!” (visitante 88), “Mudou para melhor, pois tem muitos mais objetos que remetem ao período da independência” (visitante 91), “Aumenta, cada vez que venho no museu, minha afeição e admiração, pelo parque, pela Villa...por cada cantinho do museu. Meu respeito a todos



que trabalham para mantê-lo aberto” (visitante 94), “Sempre se torna um pouco mais íntimo, um sentimento de pertencimento acho eu” (visitante 102). Nenhuma resposta foi negativa!

Assim, como destaca Ferreira (2020, p.15) a relação entre turismo e patrimônio emerge como uma via de análise importante para entendermos a problemática dos lugares de memória social ou coletiva. Esta interação representa um encontro entre pessoas, identidades e culturas diversas, podendo desencadear tensões, repulsões e outras consequências nos locais onde o turismo se manifesta, especialmente nos lugares de memória coletiva, onde o patrimônio cultural é central para a prática do turismo cultural. É nos espaços onde as comunidades vivem e compartilham experiências, memórias passadas, expressam suas representações simbólicas e competem pelo território. No contexto do turismo, a apropriação dos espaços de cultura para atender aos interesses dos turistas e do mercado global destaca o patrimônio cultural, composto por elementos materiais e imateriais, como o principal recurso desta atividade.

Para Oliveira e Pinheiro (2023, p.17), as memórias carregam consigo significados relacionados aos laços familiares, às heranças culturais e, notavelmente, às sensações vivenciadas e aos afetos estabelecidos com o espaço e o patrimônio. As emoções desempenham um papel significativo na modulação da memória afetiva e influenciam diretamente na percepção espacial do patrimônio histórico. Os estudos sobre memória afetiva revelam-se de grande valia tanto para a preservação do patrimônio cultural quanto para o avanço das pesquisas sobre a percepção afetiva do espaço urbano.

A última questão também remete a categoria da afetividade em relação à instituição, foco deste trabalho, pois todos os que já visitaram têm uma peça mais importante ou um item específico que querem rever. O quadro de Pedro Américo, Tiradentes Supliciado, principal referência do Museu, é o mais citado. Mas diversas peças foram lembradas, como os fardões do Imperador Pedro II, o quadro Outono de Horácio Hora, a coleção de minerais, e diversos outros itens. Outros citaram as edificações, outros mais de um item em importância e alguns disseram que não há uma, mas muitas peças de grande importância, mostrando o ecletismo e a



diversidade do acervo. A tabela a seguir resume todos os resultados encontrados:

Tabela 3 - Resumo das categorias da pesquisa de campo

Categoria	Resultado
Experiência da visita	Ótima: 85,7%, boa: 14,3%
Lembrança	82,9% já havia visitado, principais lembranças, Villa Ferreira Lage, parque, peças do acervo de História Natural, quadro do Tiradentes Supliciado de Pedro Américo.
Papel do Museu no turismo local	Principal atração turística da cidade: 91,4%
Passado	Respostas dispersas: ossos da baleia, fósseis, fardões do Imperador, liteira, entre outros.
Percepção afetiva	Afetividade reforçada: 68,6%, nenhuma negativa. Peças mais importantes: quadro do Tiradentes Supliciado de Pedro Américo, fardões do Imperador, edificações.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

3 CONCLUSÃO

A abertura do Museu exigiu um grande esforço da pequena equipe que lá trabalha. Até mesmo o atendimento ao público é feito na forma de plantão, pelos próprios pesquisadores, museólogos e historiadores que lá trabalham. E é durante estes plantões que se percebe a expressão recorrente de quase todos os visitantes que já haviam visitado o local no passado: “este é o lugar da minha infância, eu adorava vir aqui no passado”, ou “só tenho boas lembranças”, entre outras expressões. Este foi o principal mote deste trabalho. Os resultados da pesquisa indicam que, apesar dos desafios na gestão e do longo período de inatividade, o Museu Mariano Procópio continua desempenhando um papel significativo na identidade afetiva da comunidade local e mantém sua relevância como atração turística na região. A maioria dos entrevistados possui memórias afetivas e identifica o Museu como o mais importante ponto turístico da cidade.

A gestão e o planejamento do patrimônio cultural requerem o desenvolvimento de políticas públicas que harmonizem as características dos bens culturais, sua dinamicidade e as adaptações necessárias devido ao uso turístico. Isso se aplica tanto ao ordenamento dos



monumentos históricos quanto à adaptação das manifestações populares às demandas dos visitantes. A utilização do patrimônio cultural para o turismo demanda a implementação de novas abordagens teórico-metodológicas, visando uma atuação integrada e colaborativa entre os promotores do turismo, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as comunidades locais (Carvalho, 2011, p. 162).

Dessa forma, o aproveitamento do patrimônio cultural para o turismo deve levar em conta os elementos culturais definidos pela comunidade, ampliando a oferta local com roteiros, serviços e produtos que enriqueçam a experiência dos visitantes no destino. Além disso, é fundamental enfatizar o papel protagonista das comunidades em áreas de interesse turístico. Nesse contexto, o turismo é percebido como um instrumento para fortalecer as identidades locais e promover a integração das culturas locais, ao estimular a participação comunitária no planejamento e na gestão da oferta turística (Idem, 2011, p. 162).

A reabertura do Museu trouxe de volta diversos questionamentos, e muitos poderiam ser aqui abordados, como o papel do Conselho de Amigos e as relações com o poder público, os motivos do fechamento e a longa permanência, a importância turística e histórica da instituição, os aspectos museológicos e as exposições antigas e as atuais, entre outras questões. Neste trabalho procurou-se entender o Museu como um “lugar de memória” e qual este lugar na memória afetiva da cidade, pois os museus, a partir do século XXI não são mais espaços para contar e lembrar de histórias, mas um espaço de construção de memórias. Além disso, este trabalho pretendeu, além de trazer à tona estas questões, fomentar e estimular novas pesquisas sobre a instituição. A pesquisa aqui proposta não será interrompida e é apenas uma sinalização de um estudo mais amplo e mais abrangente.

E do ponto de vista da sustentabilidade da instituição em suas múltiplas dimensões, para que no futuro não ocorram mais “fechamentos”, é preciso pensar o local como um local incorporado no mercado de consumo do turismo cultural e conseqüentemente das ingerências desta prática no espaço urbano. Desta forma é preciso pensar em ações integradas, onde os diversos segmentos sociais participem de forma mais atuante, uma maior integração entre poder público, comunidade e turistas. É preciso que os turistas conheçam e percebam o legado cultural, a afetividade e tudo que representa o Museu Mariano Procópio para a população de



Juiz de Fora.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mariana Freitas de. **O turismo cultural como alternativa para o desenvolvimento local da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão da Cidade. Universidade Candido Mendes. Campos dos Goytacazes, RJ, 2022.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de memória e turismo cultural: apontamentos teóricos para o planejamento urbano sustentável. **Cultur**. Revista de cultura e turismo. Ano 4, n. 1. Janeiro de 2010. UESC.

CARVALHO, Karoliny Diniz. Lugar de memória e políticas públicas de preservação do patrimônio: interfaces com o turismo cultural. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, Vol. 13 - nº 2 - p. 149-165 / mai-ago 2011

COSTA, Carina Martins. **Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio /Tese (doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, FGV/CPDOC. 2011.**

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Ed. SENAC SP: Edições SESC SP, 2009.

DA SILVA, Maria Clara Gomes. **Patrimônio e memória como vetores do turismo cultural em Planaltina/DF**. Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2021.

FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia. **Museu como espaço de investigação: da pesquisa a formação**. Cad. hist. ciênc. São Paulo, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180976342007000200006&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 22/12/2023.

FERREIRA, Sirley da Conceição. O turismo cultural e os impactos nos lugares de memória social e coletiva: Caso dos bairros portuários tradicionais do Rio de Janeiro. In ANGELO, Elis Regina Barbosa (org). **Textos completos de III Congresso Internacional e Interdisciplinar de Patrimônio Cultural: Experiências de Gestão e Educação em Patrimônio**. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2020.

GASTAL, Suzana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, S. (org.). **Turismo: Investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GRAGLIA, Diego. **De quantas respostas eu preciso para que a pesquisa seja estatisticamente válida? Descubra o tamanho da sua amostra**. SurveyMonkey.com Curiosidade em Movimento. Disponível em <https://pt.surveymonkey.com/curiosity/how->



[many-people-do-i-need-to-take-my-survey/](#). Acesso em 09/02/2024.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de “Depois de aprender com a História”, o que fazer com o passado agora?** III Seminário Nacional de História da Historiografia. UFOP. Mariana, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IEPHA. **Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e o Acervo do Museu Mariano Procópio** (Museu Mariano Procópio). Disponível em:

<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/111/bens-tombados-conjunto-arquitet%C3%B4nico,-paisag%C3%Aadtico-e-o-acervo-do-museu-mariano-proc%C3%B3pio-museu-mariano-proc%C3%B3pio>. Acessado em 22/12/2023.

KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

MAPRO – **Museu Mariano Procópio**. Acervo Online. Disponível em <http://mapro.inwebonline.net/>. Acessado em 23/01/2024.

MENESES, U.T. B. de. **A problemática da Identidade Cultural nos Museus**: de Objeto (de ação) a Objeto (de Conhecimento), Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material, 1993, Universidade de São Paulo, Nova Série, Número 1, p.207 – 222.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: A problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/SP, nº 10, p. 7-28, dez.1993. Disponível em: www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf. Acessado em 14/01/2024.

OLIVEIRA, M. R. da S., PINHEIRO, V. C. S. **Lugar de memória e percepção afetiva patrimonial**: sítio histórico da Prainha, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. *PatryTer*, 6(11), 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 27, n. 53, p.14, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>.

PINTO, Suely Lima de Assis. Museu e arquivo como lugares de memória. **Museologia e Interdisciplinaridade**. Vol. 11, n3. Maio/junho de 2013. Universidade Federal de Goiás.

PJF - Prefeitura de Juiz de Fora. **Pesquisa de demanda turística auxiliará Juiz de Fora no planejamento do turismo**. Disponível em <https://www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=77949>. Acessado em 23/12/2023

PJF - PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Institucional, Secretaria de Turismo. Disponível em



<https://www.pjf.mg.gov.br/turismo/>. Acessado em 18/12/2023A.

PJF-PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Portal do Turismo**. <http://portaldoturismo.pjf.mg.gov.br/base-geral.php?btSelected=oquefazer>. Acessado em 18/12/2023 B.

PJF - PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Municipal de Turismo**. 2020.

SANCHES JUNIOR, Sami. **Uma Visão Antropológica do Patrimônio Cultural: Museu e Parque Mariano Procópio (MG) e seus diferentes sentidos e significados**. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006

SILVA, William Cléber Domingues. Importância dos museus no processo de desenvolvimento turístico de Minas Gerais: Uma análise do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora - MG **Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 6, n. 6, abr.-mai.-jun./2009, p. 35 – 49

STEPHAN, Lina Malta. **Análise das Intervenções Arquitetônicas nos Imóveis Tombados do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora – MG**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

ULHÔA, Inês; DIAS, Carina. Cidade, cultura e turismo: para além do entretenimento. **Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s**. Florianópolis, v.12, n.101, p.146-162, ago/dez 2011.

VIEIRA, Guilherme Lopes. O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica. **Mosaico**, v.8, no. 12,2017

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Questionário sobre a memória afetiva do visitante.

Idade: _____

Formação: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Graduação () Mestrado



() Doutorado.

Cidade onde mora: _____ Bairro: _____

Como foi a experiência de visita ao Museu Mariano Procópio:

() Ótima () Boa () Regular () Ruim () Péssima.

Justifique: _____

Você já havia visitado o Museu Mariano Procópio antes do fechamento em 2008? () SIM () NÃO.

A visita atual foi motivada por lembranças do passado? () SIM () NÃO.

Qual a sua principal lembrança do Museu durante este período de fechamento?

O Museu é o principal ponto turístico de Juiz de Fora? () SIM () NÃO.

Se respondeu não na questão anterior, qual seria o principal? _____

Pretende voltar novamente ao Museu: () SIM () NÃO.

Sentiu falta de alguma coisa ou referência do passado? () SIM () NÃO. Se sim, o que? _____

Após a visita, sua percepção afetiva com o Museu mudou? () SIM () NÃO.

Explique: _____

Para você, qual a peça mais importante do Museu?



ANEXOS

ANEXO A – PESQUISA DE PÚBLICO

PESQUISA DE PÚBLICO

- 1- Qual a sua idade? Até 18 anos De 18 a 35 anos De 36 a 59 anos Maior de 60 anos
- 2- Você é estudante? Sim Não
- 3- Qual a sua escolaridade? Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo Superior incompleto Superior completo Mestrado e/ou Doutorado
- 4- Gênero: Masculino Feminino Outro
- 5- Estado Civil: Solteiro(a) Casado(a) União Estável Divorciado(a) Viúvo(a) Outro
- 6- Qual a sua profissão? _____
- 7- Renda Familiar: Até 1 salário-mínimo De 2 a 4 salários-mínimos De 5 a 10 salários-mínimos Mais de 11 salários-mínimos
- 8- Quantas pessoas residem na sua casa? 1 pessoa 2 pessoas 3 pessoas 4 pessoas Mais de 5 pessoas
- 9- Possui filho(s) em idade escolar? Quantos? 1 filho De 1 a 2 filhos Mais de 3 filhos Não possui
- 10- Instituição escolar que o filho estuda: Pública Privada Não se aplica
- 11- Reside em Juiz de Fora? Sim Não
- 12- Qual o principal meio de transporte que você utiliza? A pé/carona Bicicleta Transporte próprio Transporte público Outros
- 13- Qual o principal motivo da visitação ao Museu Mariano Procópio? Prática de atividades físicas Contemplação do Parque Conhecer o Acervo Outro
- 14- Por onde você fica sabendo das notícias do Museu? Rede Social Site da PJJ Televisão Internet Outros

A FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO AGRADECE A SUA PARTICIPAÇÃO!